

23 MAR 1991

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília começa a dar nome às ruas

Carmen Cruz

Se na cidade dos desenraizados os padrões do individualismo são mais fortes que em muitos outros grandes centros, a própria cidade parece querer se libertar da rotina dos números, ordenados, e dos pontos cardeais que a compõem. Tudo para ser mais simples. As ruas vão ganhando nomes, a exemplo da Entrequadra 107/108 Sul que é chamada de Rua da Igrejinha quando Brasília nem era Brasília. Alguns bairros também já são identificados pelos seus bares e por outras atividades comerciais.

É como se a população fosse, aos poucos, refazendo a cidade, a partir da utilização de pontos de referência — lojas comerciais, igrejas, relógios, escolas — para amenizar a nomenclatura abstrata e racional imposta pelos seus criadores. Mais prático, o novo código tem o poder de facilitar a vida daqueles que, diariamente, correm de um lado para outro, na busca de uma relação mais saudável com a cidade em que trabalham e moram. Pesquisa recente, feita pelo departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, mostra que o brasiliense lançou mão da “memória visual” para identificar vários pontos da cidade, o que é comum nas pequenas cidades, em formação.

De acordo com a professora Lia Zanotta, do departamento de Antropologia da UnB este código “tradicional” que surge em meio a uma nomenclatura abstrata ganha mais força em Brasília porque na cidade não há nenhuma individualização e nem princípio concreto. Além da Rua da Igrejinha, lembrou Lia Zanotta, a nomenclatura popular vem, há muito, marcando locais como a Rua da Cobal, na 310/311 Sul, a Rua do Elefante Branco, na 908 Sul, a Rua do Panelão, entre outros.

Referências — Lia Zanotta não acredita, entretanto, que este código tradicional venha invalidar as referências anteriores com números e letras e que dificultam a leitura da cidade. “As duas formas caminharão juntas, produzindo uma nova identidade para Brasília” afirmou. Particularmente, a antropóloga acha o código tradicional melhor mas reconhece que ele tem uma certa provisoriedade. “A referência assim, meramente visual, implica em uma possibilidade de perda do referencial, como o fechamento de um determinado restau-

rante, o desabamento de um edifício ou de uma ponte”, justificou.

Quem nasce em Brasília visualiza a cidade com suas superquadras, mas quem chega encontra dificuldades para entendê-la, sobretudo as que andam à pé e tomam ônibus já que aqueles que circulam de carro a sinalização auxilia.

Enquanto nas cidades pequenas que se formam, a memória visual aparece antes da configuração histórica, em Brasília ela certamente não aponta este caminho. Segundo o próprio urbanista Lúcio Costa, é muito mais simpático que as pessoas dêem nomes às ruas como acontece com a Rua do Ceub ou a Rua da Igrejinha do que colocar nomes de generais ou políticos. “Quanto mais espontânea a relação das pessoas com a cidade melhor”, afirmou.

Para o urbanista, a identificação de várias quadras e ruas com nomes populares de referência próxima até poderia indicar o aparecimento de uma cultura local, “mas no sentido de uma cultura ainda rasteira. A cidade não precisa desses favores, já que possui densidade suficiente para ter carga cultural própria, independente dessa contribuição pitoresca que surge”.

Cultura — A antropóloga Lia Zanotta diz que Brasília já tem raízes culturais, e a busca que o brasiliense empreende para a obtenção de códigos e referências que o coloquem mais próximos da cidade pode ser um componente deste processo. “A cultura brasiliense é um pouco essa simbólica da modernidade, o contraste entre o novo e o tradicional, a história dos pioneiros e a própria construção de Brasília” explica a professora, lembrando que a cultura local está muito vinculada a novas seitas, à mística, à procura do interior.

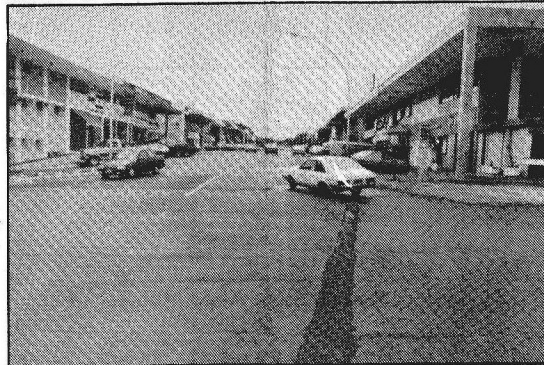
Segundo ela, como foi feita por “desenraizados”, Brasília faz suas novas gerações serem mais individualistas, com maior possibilidade de mudanças, mais preparadas para os rearranjos sociais. “Por outro lado, os laços familiares não sendo tão fortes, as amizades não tão antigas todos ficam mais expostos, mais frágeis, sem o apoio que é comum nos problemas de família” afirmou. “É por isso que em Brasília as relações de trabalho são tão profundas”, justificou a antropóloga, para quem a cidade, há muito, é também uma cidade.

CARLOS SILVA



Os restaurantes ajudam na mudança dos nomes

CARLOS SILVA



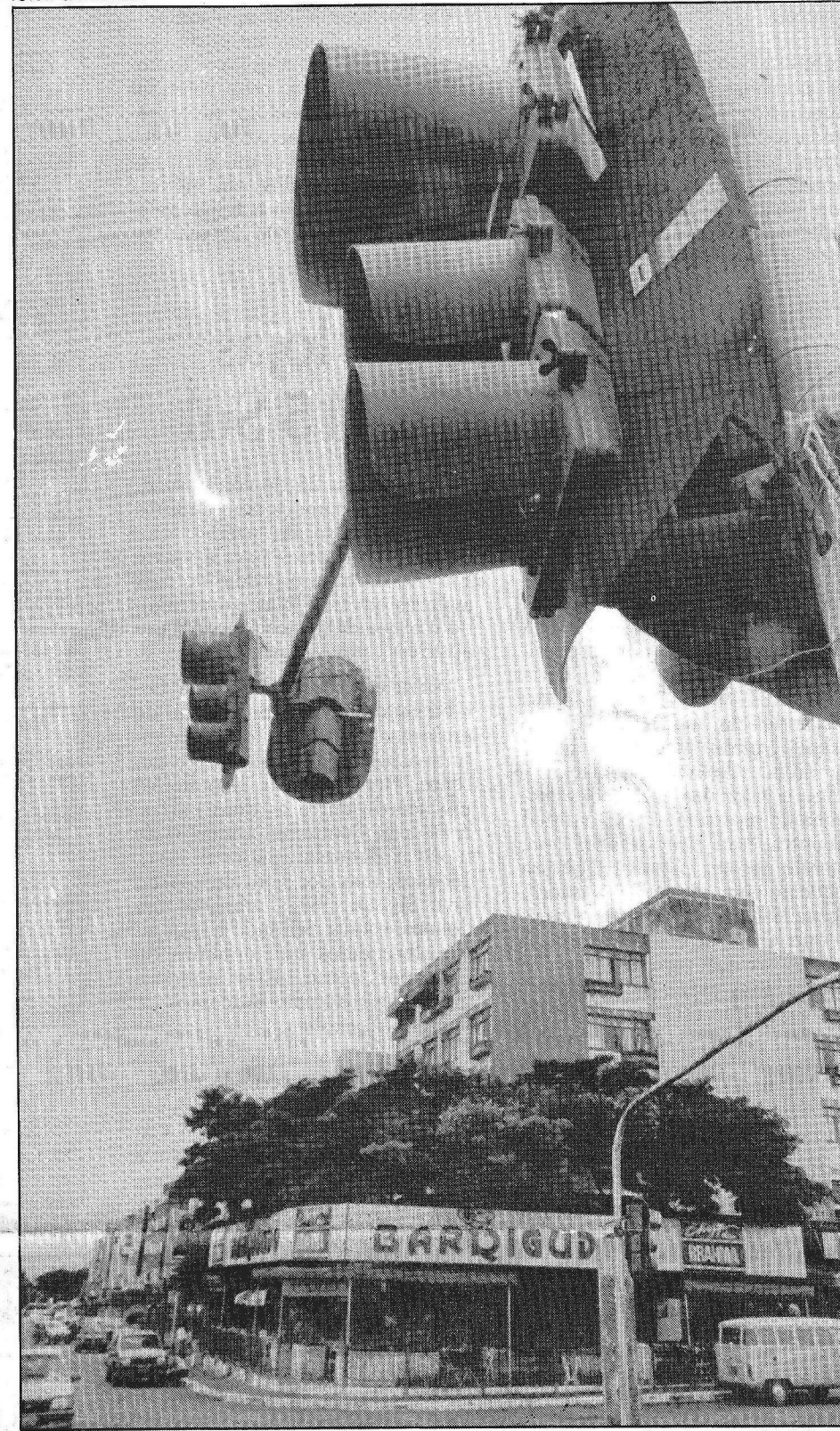
Em frente à Igrejinha, a tradicional rua

ANTONIO CUNHA



O comércio já virou referencial da quadra

FOTOS: CARLOS SILVA



A universidade, que fica ao lado da entrequadra, dá nome à “Rua do Ceub”